



ESTAÇÃO DE PESCARIAS RUSSA.

Já demos uma idéa da embocadura de Dnieper e terrenos adjacentes: fóra e dentro do rio, mas principalmente nas costas do mar Negro, existem muitos estabelecimentos de pesca, que assim como os do mar d'Azoff no ponto opposto, tem grande laboração e aprovisionam de bom pescado as provincias interiores da Russia meridional, chegando até Moscow e ainda mais dentro pelas terras sertanejas.

A abundancia do peixe dá grande importancia a este ramo de industria, ainda mesmo nas proximidades do promontorio de Kinburn, occupado durante a guerra pelas tropas francezas, e de que temos appresentado alguns desenhos.

A pescaria n'estas paragens classifica-se pelas diversas e distinctas epochas do anno, isto é e principalmente as da primavera, estio, e inverno; n'esta ultima estação os pescadores das artes que nas antecedentes exerciam sua industria logo proximo do litoral, fazem por cima do gelo expedições a distancia de algumas leguas da costa, e que são perigosas porque muitas vezes soprando da terra os ventos arrojaram as massas do gelo para o alto mar como ilhas fluctuantes. Os aparelhos de pescar são tão primitivos como os usaram na infancia da arte os primeiros habitantes da Crimea; d'estes os que se dedicam a similhante profissão tanto pelo trage e modos como pela physionomia denotam curta intelligencia.

M.

CAVALLO DOMESTICO

(Continuação.)

Caminha ufano, rapido galopa,
Insulta os medos, desafia os perigos;
Se ouve navozia tuba, os sons da guerra,
Agita-se, retouca, e fere a terra;
Chama seu rincho ousado os estandartes,
Fogo lhe luz nos olhos, sae das ventas,
As orelhas alteia, errica as crinas,
Estremece-lhe o corpo, a boca espuma
BOCAGE. TRAD. C. DE ROSSET CASTO V.

Quem tem feito estudo da physionomia do cavallo conhece por ella as paixões e os intentos do animal.

Pelo olho (diz o professor Yoautt) se pode formar uma apreciação exacta do character do cavallo; se se descobre muito a alva não ha que fiar nelle: por quanto, o de indole ruim espreguia de continuo a occasião de satisfazer a sua inclinação malfazeja, e a frequente direcção do olho para a frente o que deixa ver maior porção da alva, não tem outro objecto senão assegurar o effeito do couce que prepara.

A vista do cavallo differe da do homem; a posição lateral e a distancia em que estão os olhos lhe permitem abranger maior espaço, e quando pasta tranquillamente de cabeça inclinada para a terra, pôde com facilidade ver o que vai á roda delle. A vista do homem abraça mais restricto campo, mas é mais pe-

netrante, porque a membrana preta que fórra o interior do olho humano constitue melhor camara escura e dá mais viveza ás imagens que alli se formam: essa membrana no cavallo é de um bello verde-mar, por isso absorve menos luz e augmenta a força da vista na escuridade.

Em todos os animaes que tem de procurar sustento de noite, o interior do olho é mais brilhante; no lobo e cão é pardo, em todas as variedades da casta felina é amarello; comparam-se os olhos do leão nas trevas a duas tochas flamejantes.

Os albinos, como os pretos brancos, individuos excepcionaes na casta humana, que tem os olhos vermelhos como os furões, em rasão da falta do pigmento preto ordinario, não podem supportar a claridade do dia, mas veem facilmente onde nós achamos profunda escuridão.

Muitas pessoas julgam, sem fundamento, que as lagrimas provocadas pela dôr physica ou pelas emoções da alma, são privativas do genero humano; os cavallos tambem choram em consequencia de vivo soffrimento ou de maus tratos.

O tamanho, a disposição e o movimento da orelha são pontos importantes: as orelhas mais para pequenas do que para grandes, não muito afastadas, direitas e ageis nos movimentos, denotam boa raça e ardor; se um cavallo está no habito frequente de mover uma orelha para diante e outra para traz, sobretudo andando de jornada, terá em geral genio ardente; as orelhas estendidas em oppostas direcções indicam que está attento a tudo que se passa, e em quanto repete esse movimento não está muito cansado nem é provavel que o esteja tão cedo. Observou-se que a maior parte dos cavallos dormem com uma orelha dirigida para diante e outra para traz, a fim de perceberem a approximação de objectos que possam vir de qualquer lado. Caminhando cavallos ou machos de noite e em companhia, os que vão na frente da récua dirigem as orelhas para diante, os que formam a retaguarda inclinam-nas para traz, e os do centro as dirigem lateralmente; assim toda a cafila parece movida por um sentimento unico, a commum segurança.

A orelha do cavallo é uma das mais bonitas partes de seu corpo, e ainda mais do que o olho, se é possível, fornece indicios certos de seu character. Se o cavallo deruba as orelhas sobre o pescoço não ha duvida que medita malicia, e é necessario cuidado com as patas ou com os dentes; tambem brincando descahe as orelhas, mas então esse movimento é menos pronunciado e não se prolonga por tanto tempo: uma rapida mudança na posição destes orgãos e sobretudo a expressão simultanea dos olhos permitem distinguir o que é contentamento e o que é malicia.

O cavallo tem o ouvido mui subtil, e percebe mil vibrações do ar tão leves que não fazem impressão no homem. Todo o caçador sabe que o cavallo reconhece as vozes dos cães, arrebita as orelhas, e manifesta o seu ardor ou a sua impaciencia muito antes que o cavalleiro perceba o menor som. Nada mais é preciso para provar quanto é absurdo cortar as orelhas aos cavallos: este costume estúpido e odioso teve origem em Inglaterra (como diz M. Springfield) e foi praticado por tal numero de annos e com tal perseverança, que por fim a mutilação veio a ser hereditaria em certos casos, e houve uma casta de cavallos sem orelhas.

M.

O ocio é pae do vicio, e avô do crime.

ELECTRICIDADE ATMOSPHERICA.

Um dos ramos mais vastos e importantes da physica moderna é a electricidade. De dia para dia novos factos, e novas leis se descobrem, todas celebres pelos phenomenos que grupam. Um grande numero de phenomenos dos mais vulgares explicam-se facilmente por esta parte das sciencias naturaes. Não é só sobre a materia bruta que o fluido electrico opera maravilhas, é tambem sobre o organismo animal e vegetal; e tão longe se pôde querer levar essa influencia, que pela electricidade se explique a maior parte dos phenomenos da vida.

As descobertas da pilha, da douradura galvanica, da galvanoplastia, do guarda-raios, do telegrapho electrico, etc. são outras tantas creações que tem enchido de admiração os nossos contemporaneos. — Vê-se quão interessante deve ser o estudo d'esta parte da physica.

Os fundamentos da electricidade foram conhecidos dos antigos; elles reconheceram no ambar amarello a propriedade de attrair os corpos leves, e a isto se limitavam seus conhecimentos n'esta parte. Foi provavelmente por acaso que se descobriu no alambre a dita propriedade. M. de Humboldt conta que encontrou nas margens do Orenoco, crianças pertencentes a uma das tribus mais selvagens, que brincavam esfregando certas sementes secas até que attrahissem fios de algodão. Vê-se que foi um facto facil d'observar, que serviu de ponto de partida ao estudo da electricidade.

A descoberta do galvanismo em 1789, fez uma revolução completa n'esta parte de physica: são bem conhecidos tanto os trabalhos de Galvani como os de Volta o creador do pilha.

Não se sabe qual é a causa dos phenomenos electricos, chamou-se-lhe electricidade, estabeleceu-se uma theoria para explicar esses phenomenos, a qual satisfaz soffrivelmente á explicação dos que se conhecem; mas que deve sempre olhar-se com reserva; isto é, serão os factos que devem chamar a attenção, pouco importa se se podem explicar ou não pela theoria. Não regeitamos as theorias, entendemos mesmo que são uteis, o que julgamos é que devem nascer dos factos, e não as forçar a explicarem o que não podem.

A theoria de electricidade que hoje se recebe, admite em todos os corpos a existencia d'um fluido neutro, formado pela reunião de dois fluidos de diferentes propriedades, a um chamou-se vitreo, a outro resinoso, ao primeiro tambem chamam positivo, e ao segundo negativo.

Estabeleceu-se mais que os fluidos do mesmo nome se repellem, e os de diferente nome se attrahem. — Fallamos d'estes principios para melhor intelligencia d'este artigo. O ar atmosferico tem sempre uma certa quantidade de electricidade, mesmo durante o tempo mais sereno. Foi no principio do seculo passado que se começou a suspeitar a existencia da electricidade atmosferica. Em 1746 depois da descoberta da garrafa de Leyde, Nollet emittio a opinião de que podia haver alguma analogia entre a electricidade e o raio. Foi porem Franklin, quem proclamou e provou a existencia da electricidade atmosferica. Diversas são as opiniões que ha sobre a verdadeira origem da electricidade, que existe normalmente na atmospha. Alguns physicos, como Kaentz, a attribuem ao roçar d'umas camadas d'ar sobre outras. Segundo Becquerel, a unica causa é a desigual distribuição do calor na terra, e na atmo-

phera. Outros physicos dão grande importancia á evaporação da agua, que tem lugar continuamente á superficie da terra, e á combustão do carvão. É provavel que estas diferentes causas concorram para a producção da electricidade atmospherica, sendo quasi certo que o attrito representa um papel importante

Quando cae um aguaceiro, osapparelhos que servem para reconhecer a presença da electricidade (electroscopios), e os que medem sua intensidade (electrometros), dão logo signal de augmento na quantidade de fluido, o qual é certamente devido ao attrito, que a chuva produz atravessando o ar com certa velocidade.

A quantidade de electricidade existente na atmospherica é susceptivel de variar com diferentes circumstancias. A temperatura, a força e direcção do vento, o estado hygrometrico do ar, e a latitude são as principaes circumstancias que a fazem variar. Proximo do equador são as trovoadas mais frequentes e vão diminuindo para os polos. Nas diversas horas do dia igualmente se observam differenças; assim ao nascer do sol existe em pequena quantidade e augmenta á proporção que o sol se eleva sobre o horisonte, apresentando um maximum ás 6 ou 7 horas da manhã no verão, e ás 10 ou 12 no inverno. A maneira do calor apresenta a electricidade dous maximums e dous minimums. Tendo chegado ao primeiro maximum vai diminuindo para apresentar um minimo; 2 horas antes de por o sol novamente cresce, apresentando um segundo maximum 2 horas depois do por do sol. Desde então diminue até á manhã do dia seguinte.

Não ha só variações electricas diurnas, ha tambem variações annuaes, augmentando muito a quantidade d'electricidade durante o inverno. Alem das variações regulares, ha variações accidentaes, taes são as que dependem de aguaceiros, dos nevoeiros, etc.

A superficie do solo está electrificada negativamente, entretanto que o ar seco e sereno está d'ordinario electrificado positivamente.

As nuvens de tempestade acham-se carregadas de electricidade, umas são positivas outras negativas, e a mesma nuvem pode ser positiva d'um lado, e negativa do outro. Dos principios que já estabelecemos resulta, que quando uma nuvem carregada de certa electricidade se approxima d'outra ou d'um corpo qualquer carregado de electricidade differente poderão as duas electricidades combinar-se repentinamente, e produzir o relampago, ou uma grande fuisca electrica.

Tem-se duvidado da causa dos relampagos que se observam tantas vezes nas tardes de grande calor, com um ceo sereno e sem nuvens. M. Arago não se atreveu a resolver a questão: o que porem é verdade vem a ser, que muitas vezes esses relampagos são devidos ao reverbero que sobre as camadas atmosphericas mais ou menos elevadas produzem relampagos ordinarios devidos a uma tempestade que se faz n'um ponto longiquo. Em 1813 proximo de Londres se viram relampagos com ceo sereno, reverbero dos se produziam n'uma tempestade entre Dunquerque e Calais isto é a 50 leguas de distancia. Segundo Wheatstone a duração do relampago não chega a ser 0,001 de segundo, alguns tem uma legua de extensão.

Podemos distinguir diferentes especies de relampagos: geralmente admittem-se quatro que são—primeiro.—Relampagos em zig-zag que tem grande

velocidade, e que deixam marcada uma trajectoria com a forma d'onde tiram o nome. Os contornos destes relampagos são perfeitamente determinados.

Segundo—Relampagos mal definidos, sem contornos bem limitados, abraçando todo o horisonte; parecem-se com os clarões que acompanham a explosão de materias inflammaveis. São os mais frequentes.

Terceiro.—Relampagos de calor.

Quarto—Globos de fogo: parece que são entre a nuvem e o solo: duram ás vezes até dez segundos.

Muitas vezes a vista segue estes relampagos e vê que elles como que saltam sobre a superficie de terra, outras vezes fazem-se pedaços. Em geral é de baixo d'esta forma que se apresenta o raio que fulmina.

Trovão—O relampago é d'ordinario acompanhado de trovão. O trovão é o som que se produz em consequencia de o ar se deslocar e depois precipitar no vacuo, que primeiro se formou. Este som é reforçado pelos echos multiplos, que o repetem nas nuvens, nas montanhas, etc. Como o relampago pode occupar ás vezes uma grande extensão, o som deve produzir-se igualmente em grande extensão. Sabe-se que o som, caminha apenas 340 metros por segundo, em quanto que a electricidade tem uma velocidade superior á da luz a qual é de 77:000 leguas por segundo. Portanto o intervallo que ha entre o relampago e o trovão, pode dar-nos idéa da distancia de tempestade, pois será de tantas vezes 340 metros quantos forem os segundos, que se poderem contar entre o apparecimento da luz e o do som. Outra consequencia vem a ser, que o som se prolongará muito quando o relampago for muito extenso; pois a luz vê-se logo em toda a extensão, por causa da sua grande velocidade e o som irá chegando pouco a pouco a impressionar o ouvido, por isso que se propaga mais lentamente.

O *Raio* é a descarga electrica que se faz entre a nuvem e o solo. A nuvem aproximando-se decompõe o fluido neutro do solo, attraíndo o do nome contrario ao que ella tem, isto é se a electricidade da nuvem for positiva attrae o fluido negativo do solo, se os dous poderem combinar-se ha fuisca e diz-se que cae o raio. D'ordinario o raio sobe, isto é vai debaixo para cima: outras vezes desce; em qualquer dos casos os corpos intermedios são fulminados.

Effeitos do raio.—Mata os animaes, outras vezes só os derruba, ou queima. Inflammam as materias combustiveis, funde os metaes, e muitas substancias como o quartzo, area, etc. Despedaça os corpos maus conductores de electricidade, v.g. as pedras, madeiras etc. Magnetisa o ferro, inverte os polos das agulhas das bussolas.

Todos fallam no cheiro de enxofre que se nota durante as trovoadas, esse cheiro é devido á passagem do fogo electrico pelo ar atmospherico; então o oxigenio que entra na formação do ar passa a Ozono, isto é adquire novas propriedades, sendo uma dellas o cheiro sulfuroso.

Que meios existirão para nos preservarmos do raio? Poderá o homem dissipar, ou mesmo diminuir as tempestades? É opinião popular que o estrondo das explosões dissipa as nuvens, esta crença que ainda arreigada entre o povo nasceu da observação de algum navegante e mesmo d'homens de guerra, que julgaram terem sido affugentadas tempestades imminentes, com as detonações das armas de fogo. Em diversas localidades tem-se conservado o uso de atirar tiros e mesmo lançar fogo a caixas onde ha pol-

vora e misturar detonações, nas occasiões de trovoadas. Foi Mr. Arago quem veio abalar a opinião a proposito da efficacia dos meios que ficam ditos.

Examinando as observações metereologicas do Observatorio de Paris desde 1816 até 1833 Mr. Arago, notou, que o estado do ceu não se alterava nos dias em que tinham lugar os exercicios de fogo na escola d'artilheria de Vincennes, em que se dão pouco mais ou menos 150 tiros, antes lhe pareceu, que se alguma influencia havia, era em sentido contrario áquelle que se julgava. Ainda mais, Mr. Arago cita dois factos um dos quaes é bastante importante, para mostrar a inefficacia das detonações.

Em 1711 a esquadra de Dugay-Trouin, composta de 6 nãos e 4 fragatas, empregou todo o dia 11 a forçar a entrada da barra do Rio de Janeiro, bem defendida por grossa artilheria. De 12 a 20 jogou permanentemente a artilheria e fusilaria; muitas minas fizeram explosão, armazens foram incendiados, navios voaram pelos ares; apesar do fogo espantoso que durou muitos dias, uma violenta tempestade teve lugar com muitos relampagos e trovões no ultimo dia. Podemos pois dizer que a questão se não acha definitivamente julgada; a solução que tem por emquanto, não é nada favoravel á antiga crença.

Outra opinião que vigorou muitos seculos foi a da utilidade de tocarem os sinos durante as tormentas, ou fosse com fim religioso, ou com a idéa de agitar o ar. Mais tarde nasceu a idéa opposta. Vendo que o numero de igrejas fulminadas era consideravel, disse-se que a causa era o costume de tocar os sinos durante as tempestades.

Foi ainda Mr. Arago quem esclareceu este ponto, estabelecendo que no estado actual de nossos conhecimentos não se podia avançar que o toque dos sinos tivesse influencia alguma favoravel ou desfavoravel, só o que havia era o perigo para os sineiros. Em 1783 um allemão calculou que no espaço de 33 annos 386 campanarios tinham sido fulminados e 121 sineiros mortos, e muitos individuos feridos. A verdadeira causa da predilecção do raio para as igrejas é a forma e a altura das torres, e a grande quantidade de metaes que ali existem. N'uma só noite de 14 para 15 d'abril de 1718, sexta feira de Paixão, 24 igrejas da costa da Bretanha foram fulminadas quasi ao mesmo tempo.

Os unicos meios efficazes a oppôr ao raio são os para-raios.

O para-raio foi imaginado por Franklin, fundase no que este sabio chamou poder das pontas, que consiste em a electricidade ter a sua maxima tensão nas partes aguçadas, ou sejam pontas ou arestas vivas, e por isso por ahí se esgota facilmente o fluido electrico.

Consta o para-raio de ponta, haste e conductor. A ponta é geralmente de platina, e deve ser d'esse metal: terminará em ponta aguada. A haste é de ferro e latão, é conica com o apice superior. O conductor é, ou uma barra de ferro, ou mais geralmente um cabo de fio de ferro ou de cobre que se prende por uma das extremidades á parte inferior da haste, e inferiormente vem até ao solo, mergulha em terreno humido, n'um poço que não se esgote, ou quando isso é impossivel entra a certa profundidade, e cerca-se de carvões já calcinados, tudo isto a fim de que o guarda-raio termine em um corpo bom conductor. É a condição principal.

É necessario entender que um guarda-raio que não esteja bem feito e bem collocado, é antes prejudicial que util. Uma das condições a que se deve at-

tender muito é a seguinte: que não haja solução de continuidade no conductor. Em geral todos os casos de fulminação de edificios ou navios que tenham guarda-raio, devem attribuir-se ao defeito do instrumento. As vezes apesar da perfeição da construcção do guarda-raio o edificio é fulminado; mas em consequencia da sua má collocação; v.g. quando a haste se acha cercada de substancias metalicas de grande extensão, tem-se visto o raio fugir do guarda-raio para um cano de chumbo ou de zinco destinado a conduzir as aguas da chuva. Outras vezes o guarda-raio está dominado por corpos mais elevados, o que se deve evitar, collocando-o na parte mais alta do edificio. (1)

Muitas observações attestam a utilidade dos guarda-raios; por exemplo tem-se visto cair o raio no meio de muitos navios e serem fulminados os que não tem guarda-raio. Em 1814 no porto de Plymouth entre muitos navios, só o Milford foi fulminado e só elle deixava de ter guarda-raio.

Qual será a extensão protegida pelo apparelho protector? é objecto de duvida; julga-se porém que um guarda-raio protege em uma zona circular, cujo raio é o dobro da altura da haste.

Vê-se a utilidade do estabelecimento dos guarda-raios. Antes de dizermos o que ha de mais moderno a este respeito, citaremos alguns factos; felizmente não se tem dado entre nós nada semelhante; mas estamos expostos a ver reproduzir scenas semelhantes pela falta de providencias.

A 11 de julho de 1819 nos Baixos Alpes n'uma povoação de 500 almas celebrava-se a missa, quando o raio caindo sobre a igreja matou 9 pessoas ferindo 82. A 26 de Junho de 1801 um armazem de polvora no Luxemburgo foi fulminado, houve explosão que matou 30 pessoas, e ferio gravemente 200. Ainda mais. A 18 de Agosto de 1769 em Brescia caindo um raio n'um armazem de polvora a sexta parte da cidade foi destruida e morreram 3:000 pessoas!!

M. Arago reuniu 72 observações de navios fulminados. Os estragos que o raio produz nos navios são variaveis; umas vezes só soffre a mastreação, outras é o corpo do barco, ás vezes o navio tem sido presa das chammas, assim o Annibal em Boston e o Logan em Nova York foram completamente reduzidos a cinzas. De ordinario a equipagem sempre soffre mais ou menos.

Tem-se já observado a fulminação de diferentes embarcações ao mesmo tempo e no mesmo lugar. A 2 de setembro de 1813, de treze navios de guerra existentes nas bocas do Rhodano, 5 foram fulminados quasi ao mesmo tempo. Vê-se que uma tempestade podia destruir em poucos minutos os restos da nossa infeliz marinha, e as trovoadas em Lisboa não são raras. O desleixo seria o culpado de tal catastrophe, que algumas moedas (poucas) podiam evitar. Assim vae tudo n'esta terra de Hotentotes.

J. A. DA SILVA.

(1) Por duas vezes a Academia das Sciencias de Paris tem apresentado relatorios sobre esta materia: o 1.º data de 1823 e foi feito por M. Gay-Lussac, o segundo é de 1833 e foi feito por M. Pouillet. O segundo relatorio foi a resposta a uma consulta feita pelo ministerio, ácerca do palacio da Exposição. No segundo relatorio appareceu mais desenvolvida a idéa de substituir a platina pelo cobre vermelho. As razões que levam ao emprego do cobre, são o ser barato, pouco fusivel, e aquece, pouco pela electricidade, porque é bom conductor, aquece menos que a platina: em consequencia do preço pode generalisar-se a applicação do guarda-raio, tornar-se universal.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

IX

(Continuação.)

Completei a imagem da mulher que se traçava dentro de mim, examinando a mulher livre; e involuntariamente se me apresentou na imaginação a *bella de Liege*, ou Théroigne de Méricourt, que Lamartine chama na sua linguagem mais arrojada que poetica a *Joanna d'Arco* impura da revolução: não porque eu esteja persuadido de que todas começassem por onde aquella começou, e mais ou menos se lhe assimilhem no progresso de sua vida; que todas tinham a mesma sede de sangue; que todas devam ter o seu mesmo fim (1), tão horrivel, que lhe é mil vezes preferivel a morte; mas porque em todas opera a mesma causa, com mais ou menos força — as más leituras, uma educação descuidada, e o enfraquecimento ou a falta absoluta de creanças religiosas; mas porque todas ellas, não sabendo ser mulheres, e querendo ser homens, e não podendo ser o porque Deus, a natureza, e a sociedade não o quiseram assim; vingam-se de Deus negando-o ou ultrajando-o, vingam-se da sociedade votando-lhe odios implacaveis, promovendo, preparando e reclamando o que pode causar ou appressar a sua dissolução, e vingam-se da natureza adoptando alguns dos vicios do sexo masculino, já que lhe não é dado possuir os seus attributos e os seus direitos: especie de hermaphroditismo moral, mais repugnante do que o phísico; por isso que é obra das mãos d'aquellas, que pretendem promiscuamente fruir os que chamam direitos dos dous sexos, sem reconhecerem nem praticarem os deveres de nenhum d'elles.

De que pois se admiram os que lem, ou escutam essa repugnancia traduzida em frases d'uma ambiguidade cruel, ou em louvores baixos, e mais cruéis ainda, que saem das bocas e penas dos dissolutos, que vêem n'ellas as suas escravas actuaes ou futuras, e escravas cujos grilhões são mais ignominiosos que os da escravidão civil porque são forjados pelo crime?

Aquella mulher que se suppõe *livre* porque, ao menos no pensamento e pelo desejo, libertou-se da lei dos deveres do seu sexo, e annullou a missão que Deus lhe deu sobre a terra, despojada assim do titulo de sua gloria, do diploma que legitima o seu imperio, não attrairá nunca a si nenhuma alma, por este sentimento mysterioso e suavissimo que se chama *amor*, e que, como dissemos, é o dominio em que a mulher governa e dirige o homem ajudando-o. Em vão terá ella ao redor de si uma multidão de admiradores e de lisongeiros; o que elles querem é perdela, fazer d'ella pasto para a sua sensualidade, e escarnecel-a, despresal-a, abandonal-a, e assoalhar a sua queda verdadeira ou supposta de que se farão um triumpho para a propria vaidade, se a pobresinha, que se reputava *livre* e senhora soberana se não abater tanto, tanto diante do seu calumniador ou do seu seductor, que chegue até a invejar a situação a mais abjecta, que será a final o seu paradeiro inevitavel

(1) Esta mulher, ligada com os Girondinos, de cuja philosophia participava, e cujos principios tinha abraçado, foi envolvida na sua queda no famoso dia 31 de Maio de 1793. e sendo despojada de seus vestidos, foi publicamente acoutada pelas fúrias da guilhotina, no terraço das Tulberias. Irritada por este supplicio infame, endoudeceu: depois encerrada na casa dos alienados, ali viveu ainda 20 annos de despreso de miseria e de torturas.

seguindo na estrada, que se abre diante de seus passos. É cousa digna de notar-se! O desejo mais imperioso no coração da mulher é o desejo de agradar; é um desejo, para assim dizer instinctivo porque é a condição essencial e impreterivel de sua missão providencial a que cede sem o saber; mas quando por querer ser *livre*, procura para agradar meios que não são os da lei divina, dada ao sexo, eil-a que em vez de *agradar*, causa desgosto e repulsão: em vez de ser *companheira* sera escrava. Assim por uma lei providencial, tão justa como sabia, a mulher *livre* é punida por onde, e com que peccou; aquillo que mais profunda e dolorosamente fere o seu coração, e que é o castigo de sua rebeldia, é esse mesmo desejo de agradar, que devia ser o instrumento infalível de sua ventura, e que o está sendo de seu castigo, e de seus remorsos: e talvez ainda, o que seria o cumulo da desgraça, de sua desesperação e de sua indifferença, que não passaria de ser um cinismo repugnante.

Assim, a mulher *philosophia* só consegue uma admiração esteril, e forçada; se como a joven Philipon, a *philosophia van*, lançando-a em chimericas ambições para lisonjear o seu idolo, não chegou comtudo a destruir de todo os sentimentos que uma mãe catholica, posto que pouco illustrada, imperfeitamente lhe gravou na alma; mas a essa admiração succederá o horror, a aversão, o despreso, se como a Isabel, ou a Catherina as levar essa *philosophia* a variarem com scenas de sangue as d'uma desenfreada voluptuosidade.

Assim, a mulher *livre* só consegue excitar sentimentos, de todo o ponto contrarios aos que mais deseja fazer nascer, mesmo n'aquelles que a embriagam de lisonjas perdidas e mentidas. Nos outros pôde excitar magoa e compaixão, mas em nenhuns estima e amor.

É porque a vida da mulher é uma vida de sacrificio e de dedicação; isto é, de amor, qual lhe compete nas sociedades catholicas, onde ella exerce por elle o primeiro dos ministerios sociaes, o de crear, educar, e governar os homens; n'uma palavra: *fazel-os*. É porque o seu merito está em reger bem a sua casa, alegrar e servir seu velho pae, amear e reunir seus jovens irmãos, fazer feliz seu marido, dar-lhe animo e consolações, educar e dirigir para o bem seus filhos; é isto o que as exalta aos seus proprios olhos, o que as constitue ministros de Deus no seio da familia e da cidade, o que as enleva no templo, as faz prostrar-se aos pés dos altares e junto do confessorario para receberem consolação, benção e esforço, e o que lhes assegura um irresistivel ascendente sobre o coração dos homens, e um lugar distincto, quer na ordem domestica, quer na social.

Foram estas as considerações que excitou em mim a narração do acontecido com Kiangi, e da sua dedicação em presença do perigo, considerações que então consignei nos meus apontamentos, e que hoje desenvolvidas vou lançando para a imprensa, tanto porque justificam depois da reflexão a exclamação espontanea e irreflectida que me arrancou o sacrificio da gentil papel, como porque me pareceu que não seria inteiramente perdida esta divagação. O *Panorama* va e tantas mãos!... quem sabe?

N'um tempo como este em que nos achamos em que as santas e antigas doutrinas estão sendo combatidas com vehemencia e até com furor, e em que se procura com empenho offuscar ou destruir a verdade, já negando-a audazmente, já com *hypochisia*, lançando-lhe por cima um véo de *sophismas*, grosseiros ou su-

bis, (isso que importa com tanto que se consiga o fim?) pode ser útil, e é de certo justo e conveniente que haja uma voz, por mais débil e menos authorisada que seja, como reconheço que é a minha, que se não envergonhe de dar testemunho á verdade; de recordar doutrinas, ainda mal! tão esquecidas e retiradas que a muitos olhos parecerão novidades; e protestar contra a reabilitação das praticas do paganismo, em que a mulher era uma propriedade do homem, pouco superior á escrava, e tão dependente do capricho d'aquelle, que bem podia ser condemnada á morte só pela vontade do tyranno, que aborrecido e anhelando outro instrumento de prazer, quebrava o antigo pelo mais pequeno pretexto, v. g. por beber vinho. E são essas praticas, que ha quem procure restabelecer empregando para isso, como um meio seguro, a mesma mulher, que mais que ninguém deve perder com esse ignobil restabelecimento.

Mas, oh! se ella soubesse quanto perde aos olhos desses mesmos que procuram fazer della um instrumento de perdição dos outros, antes de sel-o de sua propria perdição! Se ella soubesse que a pureza de que Deus a dotou, esse dote que lhe conquista as homenagens de todos, que a torna tão superior a esses desgraçados, que repetem ainda hoje a scena de ha perto de seis mil annos no paraizo terreal, e representam o papel do infernal tentador para a fazerem prevaricar, e por ella a milhares de pessoas, e destruir a harmonia divina e a economia da sociedade: se a mulher soubesse que a sua pureza é tal, que murcha ao mais leve sopro do vicio, como a agua se mancha ao simples toque da mão do homem, com que vigilancia a guardaria, e preservaria de qualquer perigo! como acharia poucas todas as cautellas: como agradeceria todas essas defezas que a Igreja e a sociedade lhe concederam!

Se o soubesse, ficaria salva a sociedade, e livre de seus rancorosos e implacaveis inimigos, porque é só por ella que as nações podem esperar a salvação, que Deus está prompto a conceder ás humildes e ferventes preces!

Achará talvez algum que é muito demais isto que deixo dito, a proposito de uma preta. E esta preta não é mulher? Não tem a nossa mesma carne, e os mesmos ossos? Não tem como nós uma alma que foi redimida com o mesmo sangue preciosissimo que pagou o nosso resgate? A differença accidental da cor de sua pelle não é motivo para que seja desprezada. E demais disso eu vi que ella tinha sentimentos mais elevados, um conhecimento mais profundo, embora para assim dizer instinctivo, do que é a mulher, de quaes são os seus deveres, de qual é a sua missão, que muitas dessas que se chamam civilisadas, philosophas, e livres, e que no seu orgulho nem se atreveriam a fallar-lhe, quando tinham tanto que aprender della!

Seguia uma religião má, ridicula até, embrutecedora! cria nos fetiches com fé sincera! a civilisação, ou isso a que se dá tão impropriamente um tal nome, não tem também as suas abusões, não crê nos seus fetiches, ella que aliaz não crê em nada? Pois ha ahí algum que não saiba que muitas dessas que que querem campear por illustradas, são cheias de superstições, e as levam a tanta ridicularia, que não ousariam alugar uma casa porque as taboas do tecto são impares; e porque pela applicação d'umas certas regras cabalisticas não promettemouro nem prata aos inquilinos, mas só cobre—isto é, a pobreza e desastres?!

E são essas principalmente que se prestam a ser

echos de Sand, e que repetem longas tiradas de Girardin, e de muitos outros escriptores que adoptaram por divisa contra a sociedade o anathema de Cação contra Carthago. Descrentes para tudo o que a religião catholica ensina, são d'uma credulidade vergonhosa para todos esses apóstolos do mal, que cairam sobre os povos como um bando de abutres.

A proposito dos fetiches. Não temos hoje o nosso metro, que se propõe a despossuir o ferro da sua qualidade de simbolo da civilisação moderna? E também não nos faltam os oraculos.

Qual dos meus leitores deixou de o reconhecer se chegou a examinar esses processos magneticos que se usam por essa Europa e America, que se chamam civilisadas porque estão corruptas, para fazer girar as mezas, e obrigar-as a proferir oraculos; e pôte por esse meio comparal-os com os que no arlgo antecedente vão descriptos dos sacerdotes dos fetiches, entre os papeis? Qual delles não se envergonhou de ver que essa civilisação bastarda mais n'um ponto se patentea em contacto e assimilhação com a bruteza dos povos quasi selvagens, e ainda barbaros, que povoam esta parte da Africa?

A tendencia misteriosa que se nota em certos phenomenos da rotação das mezas e da propriedade de responderem ás perguntas que se lhes fazem, é muito parecida com a scena que vem exposta no fim do do artigo antecedente (2), para que não pareçam filhas d'uma origem commum, quer ella seja uma velhacaria de prestigistas, que esganam pessoas que são muito credulas porque tão tem crenças religiosas, ou as perderam; quer seja o «poder e a intelligencia dos espiritos, operando pelo meio e aavez dos elementos subteis, e imponderaveis que percorrem e penetram todas as formas materiaes—explicação esta que concorda com as pretenções apresentadas pelo agente mysterioso destas mesmas manifestações (3).»

Supposto o caso de velhacaria, quanto devem ter decaído os espiritos pela acção dos elementos da civilisação fetiche que se apregoa e encarece para que «um grande numero de nossos concidadãos (dizem os signatarios da representação) igualmente distinctos por seu valor moral, sua educação, seu poder intellectual, pela eminencia de sua posição social e de sua influencia politica,» chegue a servir de ludibrio de jograes impudentes, nem mais nem menos que a pobre Kiangi, e quantos como ella de um e de outro sexo n'aquellas tribus sáfaras estão sendo, sem o perceberem, o juguete de avidos charlatães?

(Continua.)

Sousa Monteiro.

A RUSSIA EUROPEA.

Agora que estão propagados em diferentes escalas os mapps do theatro da campanha que felizmente terminou; agora que se liga a devida importancia para a paz europea não só ás condições do tratado que desmontaram a influencia e preponderancia do poder da Russia no Mar Negro e bocas do Danubio, mas também ás que restringiram, de mutuo

(2) Vid. Panorama n.º 52 de 29 de Dezembro de 1855.

(3) Consulte-se a petição dirigida ao Congresso de Washington em 1853, a fim de obter a nomeação d'uma commissão d'inquerito sobre a realidade destes phenomenos, e o decretamento de um credito «para permittir aos membros da commissão o proseguirem em suas investigações até seu termo.»

acordo e por geraes conveniencias, o mesmo poder no Baltico; convem appresentar um breve esboço que auxilie os que tem menos frequencia de lidar com as cartas geographicas, para com este pequeno guia melhor apreciarem os resultados obtidos.

O imperio russo tem por limites ao norte o oceano Glacial arctico, ao occidente o golpho da Bothnia e o Mar Baltico, que o separam da Suecia; ao sueste a Polonia e a Austria, ao sul a Turquia e o Mar Negro; ao nascente o Mar Caspio e os montes Uraes. Taes são os seus limites europeus; transpõem esses limites entrando na Asia e occupando toda a parte septentrional do continente denominado Siberia.

Os territorios submettidos ao dominio russo dilatam-se desde 15 graus a leste do meridiano de Pariz até 135 graus oeste do mesmo meridiano, isto é n'uma extensão de 210 graus do occidente ao levante, comprehendida a America russa. De norte a sul a extensão varia; em certas paragens começa no 47° e acaba em 71° da latitude norte; n'outras começa de 40 a 45 e mesmo até 55 graus e termina no 72° ou 76° graus; a maior conta-se desde o 40° norte, limite meridional das provincias de Caucaso até 75° limite septentrional da Siberia. Expresso em leguas de 25 ao grau, o comprimento medio de todos os dominios russos, de nascente a poente, sem comprehender a America russa é de 3:400 leguas, e a sua maior largura de norte a sul 950 leguas.

Neste espaço immenso a Russia da Europa que vae de 15° a 62° longitude leste e de 38° a 72° latitude norte, comprehende uma superficie de 249:897 leguas quadradas; e cabendo á Siberia 702,293 e obra de cem mil á America russa, segue-se que todo o imperio ahrange mais de um milhão de leguas quadradas, em que se computa a população total de 61 milhões de habitantes, pertencendo 50 milhões á Russia da Europa.

A Russia Europea é uma especie de prolongação de planicies e charnecas (steppes), um pouco mais altas nas regiões meridionaes e em geral mui sadias; porem, mais baixas ao norte e ao nascente e n'alguns sitios alagadiças. A parte central desta vasta superficie, geralmente plana, offerece leves ondulações de terreno em forma de coroas ou chapadas 400 até 600 metros (1) acima do nivel das partes extremas, banhadas por quatro mares differentes, o Baltico ao poente, o mar Glacial ao norte, o mar Caspio ao nascente, e o mar Negro ao sul.

O clima é muito variado em relação á extensão do territorio; o inverno é rigorosissimo na parte septentrional, e brando em certas regiões meridionaes. As aguas dos rios, que são mui numerosos e caudaes, gelam frequentemente n'uma parte do inverno, como acontece ao Neva em S. Petersburgo. As arvores mais communs nas regiões do norte são o pinheiro, o abeto, e o vidoeiro; o urmeiro e o sicomoro habitam a Russia meridional; o freixo achase em toda a parte. Abundam suas mattas em caça assim como os seus rios e costas em peixes: o arroz a cevada, e a aveia constituem a principal cultura das provincias do norte; o tabaco e o milho cabem em quinhão ás provincias meridionaes, e as da Crimea e adjacentes mesmo na Asia, enriquecem-se com uma assombrosa produção de trigos; o linho e o canhamo são propriedade de quasi todas.

A Russia da Europa é dividida em 54 governos ou provincias, e delles 17 ao norte, sendo os prin-

cipaes Grodno, Wilna, Curlandia, Petersburgo, Finlandia, Novorogod, e Witepsk. Os do centro pertencem essencialmente á bacia do Volga, taes como Perm, Kazan, Kostrom, Moscow, e Tower. Os do sul dependem da bacia do Mar Negro, como Kherison, que tem por cidades mais importantes a deste mesmo nome e a de Odessa; Kalherinoslaw com as cidades notaveis de Taganrog e Donesk; a Taurida ou a Crimea, onde foi Sebastopol, grande porto naval, o Toulon da Russia; e a Bessarabia que comprehende Bender, e Ismail; esta ultima vae ser evacuada em virtude da rectificação das fronteiras por este lado sobre o Danubio.

No Baltico cumpre mencionar as ilhas de Oesel dependentes da provincia de Riga; a denominada Dago que pertence á de Revel; Kronstadt no fundo do golpho da Finlandia, a Gibraltar da Russia; o archipelago de Abo que se desenvolve em frente da cidade deste nome: e o archipelago de Aland, que jaz na entrada do golpho de Bothnia, que pela convenção especial annexa ao tratado geral de paz não pode ser novamente fortificado, e onde no anno preterito se destruíram as fortes muralhas de Bomarsund, que tinham custado vinte annos de trabalho e enormes despezas.

Riga, Revel, e Kronstadt são os tres portos principaes da Russia no Baltico, esse grande mar interior onde desembocam muitos rios caudalosos, como o Vistula abaixo de Dantzick, o Niemen proximo a Memel, o Dwina perto de Riga, e o Neva que lava os caes da magnifica cidade de S. Petersburgo.

Sahindo do mar do Norte ou de Alemanha em direcção ao Baltico, entra-se n'um largo canal denominado da Noruega ou de Jutland, e dobra-se a ponta de Skager-Rack ou cabo Skagen; encontra-se depois segundo canal mais estreito, que separa a Jutland da Suecia, é o Cattegat, que termina nos tres estreitos chamados o Sund, o Grande-Belt e o Pequeno-Belt, cujas numerosas ramificações banham o archipelago dinamarquez: estes estreitos conduzem ao mar Baltico, onde vem desaguar tantos rios, como os que mencionamos e outros muitos de menos cabedal de aguas, mas tambem possantes.

Em frente da capital da Suecia, o Baltico despede para o norte um dos seus braços sob o nome de golpho de Bothnia, e outro para o nordeste com o nome do golpho da Finlandia, cuja extremidade se avizinha de S. Petersburgo.

Em face do cabo Skagen está Gothemburgo, segunda cidade da Suecia, com um bom porto no Cattegat e população de 24:000 almas. Encontra-se depois Elsenor, de sete a oito mil moradores, na margem occidental do Sund, canal de entrada e sahida do Baltico, em frente de Helsinburgo, cidade sueca; depois Copenhagen, capital da Dinamarca, na costa oriental da ilha de Selandia. Na junção dos dous golphos de Bothnia e Finlandia appresenta-se Stockholm, capital da Suecia com um porto espaçoso; mais dentro demora Carlscrona, bom porto sueco sobre o Baltico.

Digamos, ainda que pareça repetição, que o golpho da Finlandia tem os portos russos de Riga, cabeça da Livonia, bonita e bem povoada cidade na margem esquerda e junto da foz do Duna ou Dwina: Revel, cabeça da Esthonia, praça fortificada; Kronstadt fortissimo arsenal maritimo e tambem porto commerciante, na pequena ilha de Codlin que se nhorea o golpho, á beira do qual jaz tambem a cidade menos importante de Helsingfors, mas tambem dotada de bom surgidouro: são todas estas paragens

(1) Dois metros e um quinto fazem uma braça portugueza.

conhecidas hoje dos nossos navegantes que para ali tem feito e é de crer que continuarão a fazer á sombra da paz lucrativo commercio.

M.



O PESCADOR DA CRIMEIA. (-)

RELAÇÃO DAS COUSAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

(Continuação.)

III

De como veio nova era perldido El-rei don Sebastião.

Chegando a nova a esta Cidade da perdição d'El-rei D. Sebastião em Africa, houve grande espanto, e sentimento, o qual era muito para sentir; junctamente veio nova, que tinham levantado por rei ao Cardeal D. Henrique, o qual por ser de muita idade, não reinou muito tempo, nem casou, desejando os povos, e dizendo era bem que cazasse, outros que não, nem nisso havia pessoa que lhe tocasse, nem se atrevesse; o qual esse tempo que reinou não quiz levantar, nem jurar principe, de maneira que tão pouco tempo viveu, que todo se gastou em ajuntamentos dos povos, e em praticas sobre se não jurar em sua vida principe, e assim falleceu, sendo um principe santo, e de muita virtude, muito catholico,

(*) Vid a pag. 161.

e sempre foi em toda sua vida casto, e depois de seu fallecimento, que foi em 31 de janeiro de 1580, se seguiram nesta cidade, e ilha, as cousas seguintes.

IV

Como El-rei D. Henrique falleceu e se levantou por rei o sr. D. Antonio.

Reinou o principe D. Henrique um anno, cinco mezes e cinco dias, e chegando a nova a esta cidade, e ilha, como elle'era fallecido da vida presente, junctamente veio nova, que tinham jurado, e levantado por rei ao sr. D. Antonio, e logo veio carta dos officiaes da Camara da Cidade de Lisboa, pedindo aos Officiaes da Camara desta cidade de Angra, em como tinham levantado e jurado ao Sr. D. Antonio, filho do Infante D. Luiz, por rei, e que na villa de Santarem fôra primeiro levantado aos 19 de junho de 1580; que o mesmo fizessem nesta cidade, dizendo, que El-rei D. Philippe vinha com mão armada, e com poder para que por força de armas fosse conhecido e obedecido por rei de Portugal, e que já tinha tomado e sujeitado a Villa-Viçosa, e a cidade de Elvas, com o Duque de Alva, que vinha por general do exercito. Neste tempo, que era no fim do anno de 1580, serviam na Camara desta Cidade por Juizes, Arthur de Azevedo de Andrade, Francisco Vaz Chama; e vereadores, Guilherme Muniz Barreto, Gaspar das Neves, Gomes Pacheco de Lima; Procurador da cidade, Pedro Vaz de Fontes. É sendo lida a Carta em Camara, onde se ajuntaram todos, ou parte dos nobres fidalgos da cidade; e junctamente se leu uma Carta do Sr. D. Antonio, em a qual dizia que o tinham alevantado e jurado por rei; e lidas e ouvidas com grande fervor e alvoroço, se ajuntaram e arrastaram as bandeiras por El-rei D. Henrique, e logo juraram e levantaram por rei ao Sr. D. Antonio, achando-se presentes ás festas Pedro de Castro do Canto, Estevam Ferreira de Mello, João de Bettencourt, João Lopes Fagundes, e parte dos nobres, e cidadãos nomeados atraz; e outros, se não quizeram achar nisto, pelo que se receavam não ter effeito, e durar pouco; e pelos damnos que a muitos depois succedeu de suas vidas e fazendas. Não conto como foram arrastadas as bandeiras, e feitas as solemnidades costumadas da morte de El-rei D. Sebastião, e levantarem por rei a D. Henrique, por não ser necessario, e não gastar leitura.

(Continúa)

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou « por carta franca » dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.